



Gaiato

23 DE SETEMBRO

Ano XXXI — N.º 797 — Preço 2\$00


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES
PAÇO DE SOUSA

A NOSSA TIPOGRAFIA FEZ 25 ANOS

Bodas de prata!

Há tempo, quando nos lembramos da efeméride, choveram propostas para assinalar a data. Hoje, porém, basta a presença de Pai Américo. É uma oração significativa:

«Nunca foi tão nosso (o jornal) como hoje! Aonde antes se lia um nome estranho, hoje, nesse mesmo lugar, lê-se: Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato em Paço de Sousa. É o número 145 do jornal (17 de Setembro de 1949) que dá ao mundo a novidade. Nunca tão nosso como hoje!

(...) Cheguei ao que desejava. As ideias são lâminas cortantes e de força quase indomável. Todos trabalhámos para chegar a este ponto e todos gozamos o panorama da mesma maneira. Quer seja pela leitura desta notícia, quer seja pela presença e toque do que ela diz, uns e outros naturalmente se regozijam por verem em acção o fruto dos seus sacrifícios: o trabalho. O trabalho a ensinar. O trabalho a dar amor e valor à vida. O trabalho a prender amorosamente os que andavam soltos pelos caminhos em notório prejuízo da Nação. Eis aqui a verdadeira riqueza da nossa tipografia. Que todos se alegrem que, por ela, pelo tra-

Continua na TERCEIRA página

A promoção cultural da nossa gente, nomeadamente a juventude trabalhadora, abrem-se, hoje, mais e mais fáceis caminhos. Haja vontade e convicção de que um razoável nível de cultura geral não faz mal a ninguém, mesmo àquelles que se ocupam em profissões manuais; e generalize-se a mentalidade de que a aquisição de um grau médio de instrução, mesmo que não técnico, não implica necessário desvio de uma banca de oficina ou da condução de uma máquina para uma secretária onde, de mãos limpas, se não utilize outra ferramenta que não a caneta. Isso seria um desequilíbrio, porquanto o sector de Serviços não pode nem deve ser outra coisa do que o próprio nome induz: serviço — inegavelmente necessário, mas serviço — da Produção. Esta tendência tem sido uma realidade a exigir acerto.

Nos centros urbanos onde há Escolas e cursos nocturnos, a porta está aberta. Nas zonas rurais, onde a Escola existe (quando existe) apenas na sede do Concelho, há um obstáculo que inutiliza todas as boas vontades de promoção escolar — a ausência de transportes.

Parto da nossa experiência própria. Nas

FOMENTO DA CULTURA

Casas do Gaiato, por razões de ordem social de que eles raramente são culpados, é raro o Rapaz que faz a 4.ª classe na idade devida. Anda pelos 12 a 13 anos a idade em que mais vulgarmente se cumpre esta etapa escolar, com bastantes excepções mais tardias. O Ciclo Preparatório termina, pois, aos 14-15 anos — tarde demais para continuarem estudos, como ocupação única ou principal, a não ser as vocações provavelmente intelectuais, raras também.

O caminho mais acertado parece ser o de uma aprendizagem profissional, que dote o Rapaz dessa «língua universal» que é um ofício agrícola ou industrial, o qual o integrará na sociedade como membro útil e o habilitará a receber dela os bens de que precisa e a quem tem direito.

Mas como responder à aspiração de pro-

gresso escolar que muitos manifestam, estimulados por hábitos que uma escolaridade de seis anos lhes imprimiu e pela emulação resultante da própria explosão escolar, que é um facto feliz, mesmo longe ainda de níveis e generalizações desejadas?

Este ano, em Paço de Sousa, fizemos várias diligências para vencer este óbice. Não só aos nossos Rapazes; mas a quantos outros que não quiseram, ou puderam abandonar os campos — a quantos a facilidade de um transporte eficiente e económico (senão grátis) não seria um chamariz à continuação em Escola Secundária dos estudos levados até ao Ciclo, ou 6.ª classe?

Abordado um empresário de transportes, logo se concluiu a impraticabilidade económica do empreendimento. Perguntadas as Escolas Secundárias do Concelho, logo se soube da inexistência de verbas possíveis de aplicar em tal fim.

Este ano já não será. Mas aqui fica a sugestão e o apelo. No próximo, a organi-

Cont. na TERCEIRA página

Aqui, Lisboa!

Dissemos já nestas colunas que toda a actividade caritativa da Igreja flui da sua missão evangélica. Ora, «a Caridade na Igreja tende a valorizar o homem, a respeitá-lo, a fazê-lo tomar consciência da sua grandeza» (...) e leva o homem ao seu pleno desenvolvimento» (Paulo VI), pelo que jamais pretende prescindir da justiça e muito menos aboli-la. Pelo contrário, a Igreja faz questão em fomentar uma lúcida visão da justiça social, que bem constitui a base de toda a acção caritativa eficaz e fértil. Nada, pois, de paternalismos ou de colaborar em estruturas alienantes, como tantas vezes se ouve dizer de instituições cristãs. Estas, infelizmente, são muitas vezes um mal necessário, ante a constatação das injustiças ou carências existentes e, na linha do Mestre de Nazaré, procuram sanar ou colmatar as brechas abertas, em ordem a libertar o homem de tudo o que o diminui ou escraviza, pondo em causa o seu destino último.

Se é certo que o mais prioritário na ordem lógica e onto-

lógica é fomentar uma consciência cristã e social sobre tudo o que concerne à satisfação das necessidades dos indivíduos, combatendo todo o tipo de desigualdades e criando um empenhado espírito de cooperação, comunitário na resolução das questões colectivas, jamais se poderá esquecer a missão supletiva da Igreja no aspecto assistencial, através do exercício duma Caridade activa e operante. É que é preciso atender, para além do mais, que sendo indeclinável dever do Estado fazer tudo o que lhe é possível, fica sempre, para além disso, vasto campo de misérias e de necessidades por satisfazer e que só a acção caritativa individual ou das comunidades cristãs pode chamar a seu cargo, mitigando a dor ou atendendo aos casos mais urgentes.

Ao terminarmos estas considerações genéricas sobre o problema das Instituições particulares de Assistência, mormente sobre as ditas confessionais, não queremos deixar de

Cont. na QUARTA página



TOJAL — Ele era «Lixo» — no lixo! Hoje, goza o lago e o jardim...

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

«SINDICATO DOS POBRES» — Foi num encontro de recoveiros dos Pobres. Grupo heterogéneo: aliás, característica peculiar da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Tema aliciante. Pontos actualíssimos, tanto da acção específica dos voluntários como da própria questão social.

Na altura, discutíamos a necessidade — que, desde sempre, reputo imprescindível, sublinho — de revelar ao mundo depoimentos objectivos, pormenorizados (pessoalmente discretos...) de acções vicentinas, para motivar a opinião pública e, sobretudo em problemas afectos ao domínio oficial, as próprias autoridades — para que tomem conhecimento e os resolvam; ou, de contrário, como lhes compete, lhes deem prioridade nas linhas programáticas da gestão pública.

A páginas tantas levanta-se, lá do fundo, um participante. Sereno, risonho, bem disposto:

— Seria oportuna a criação de um Sindicato dos Pobres...

— E porque não?!... Um momento alegre! Mas se, na actual conjuntura, analisássemos o aparte, racionalmente, teria muito que se lhe diga...

Todavia, enquanto os Pobres continuarem desafectos de qualquer representatividade — mesmo sem o seu mandato expresso — prossigamos, humildemente, a ser cada um de nós, onde for possível (são muitos os mass-mediá), a voz dos que não têm voz...

RECEBEMOS — Mil escudos do Porto e uma carta muito amiga: «(...) muito tenho apreciado os artigos de «O Gaiato» sobre o momento que atravessamos. Na verdade, dá pena ver tantas reivindicações, tanto barulho e serem os mais infelizes os mais silenciosos...».

Mais 100\$00 do assinante 15429. «Amigos de D. António Barros», do Porto, 20\$00. Filomena, de Lisboa, 100\$00. «Uma migalhinha — de algures — por graças obtidas». O dobro de «Uma professora aposentada, pedindo a Deus, com humildade, o perdão dos meus pecados e conformidade na doença». Legenda cristã! Agora, uma carta de Coimbra que merece transcrição integral.

«Depois dum mês de férias que não sendo totalmente de diversão e descanso foram pelo menos o passar 30 dias sem a preocupação de cumprir horários de trabalho, apanhar transportes, etc. Pois, dizia eu, depois dum mês quedei-me a fazer um balanço do que houve de positivo nas minhas férias. Devo confessar humildemente que as notas foram fracas e dificilmente consegui a média de 10 para passar no meu exame de consciência.

Um dos pontos negativos foi precisamente não o esquecimento, mas, e o que é mais grave, o deixar passar de dia para dia o envio de algumas economias que resolvi fazer em férias para a vossa Conferência.

Assim, enviei no dia 14, em vale registado, 150\$00. E pouco, eu sei, mas muitos poucos vão somando. Empregai-o no que entenderdes. Vós é que tendes de governar a casa. Fica-vos grata a...»

Um monumento de serviço e humildade cristã!

«Por alma de Mário Beza», 750\$ da assinante 26398. De Torres Vedras, as «gotinhas habituais, de Junho, Julho e Agosto». E o costume da assinante 17740. Mais duas remessas oportunas, de Cabeçudos (V. N. de Fomalicaão) e Oeiras.



Finalmente, o habitual da assinante 17022 e mais 100\$00 da Póvoa de Varzim.

POBRES — O artigo publicado em 31 de Agosto sob o título POBRES abriu os olhos da alma e a bolsa dos leitores. Deus lhes pague.

Damos nota do que chegou às nossas mãos:

De Lisboa, 40\$00 da assinante 19784. Do Porto, ouçamos:

«Apesar de eu ter quase 80 anos e ter sido professora do Ensino Secundário, tenho a magra reforma de 1730\$ mensais. Mas, como no último ano ainda tive umas explicações, consegui juntar uma módica quantia, da qual envio 500\$00 para ajudar a levantar a tal placa, auxiliando assim os mais pobres do que eu.»

Se os senhores da Terra pusessem aqui os olhos, queimariam as pestanas... É o Evangelho em potência. Um testemunho cristão. Revolucionário!

Três vezes mais de alguém que pede «o grande favor de ficar no anonimato». E «uma pequena ajuda» dum Engenheiro muito amigo, da capital. Outra carta suculenta; aí vão alguns extractos:

«(...) Captei a mensagem do nosso irmão que aspira a viver em decência mas que, para tanto, necessita de mais um compartimento. Mas... só a placa custa 1500\$00. É uma ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo que, neste momento e por efeito da Sua Infinita Misericórdia, ainda posso cumprir. Obedeço, pois, de coração aberto, à ordem do Alto.

Assim, inclusive, encontrará um cheque «visado», daquela importância.

«(...) Que Deus se digne usar da Sua Misericórdia para com este pobre pecador que se assina...»

Outra bolada, pessoalmente entregue por um anónimo, de algures. Tão discreto! Mais outra, de Algés. E ainda mais outra: «dinheiro que cresceu das férias da praia». E mais do Entroncamento. E da assinante 18514.

Obrigado!

Júlio Mendes

ERICEIRA

Caros leitores, vou contar-vos como passei as minhas férias.

De manhã, como é costume quando nos levantamos, vamos lavar-nos à fonte. A água é límpida. Depois tomamos o pequeno-almoço, feito por um rapaz dos nossos, porque o pequeno-almoço é fácil de fazer. Seguidamente fazem-se as obrigações. Quem não tem obrigação vai buscar água à fonte, para depois se ter água em casa, para cozinhar os alimentos e saciar a sede. Depois disto vamos para a praia que é um bom passatempo.

A praia para onde vamos tem o nome de praia de S. Julião da Ericeira. Esta praia não é boa nem má. Mas eu gosto imenso dela. Enquanto estamos na praia vamos-nos divertindo até chegar a hora do banho que é também uma brincadeira para nós.

Quando o chefe manda para o banho todos gritam com alegria: «Banho! Banho!» E lá vamos nós para o banho. Depois vamos pôr-nos um pouco ao sol.

Chegada a hora de ir almoçar, lá vamos nós almoçar. O almoço é feito pela senhora e pelo tal rapaz que a ajuda. Almoçamos à uma hora e o almoço é bom. Depois fazemos as obrigações e quem não tem obrigação vai buscar água à fonte. Quando acabamos as obrigações vamos dormir a sesta até às quatro horas. Merendamos às quatro e meia e vamos para a praia; tomamos banho às cinco e meia e quando for um quarto para as sete vamos para casa, rezamos o Terço e jantamos. Depois fazemos as obrigações, e quem tem catorze anos vai ver Televisão e quem não tem vai deitar-se.

CALVÁRIO

PROGRESSO... — Nada significa, ou de forma nenhuma realiza o procurarmos esquecer valores que parecem passar para segundo plano nesta hora que se vive no mundo. Há mensagens que chegam e nos dizem que os humildes terão sempre uma palavra a dizer-nos; que a Mensagem Divina é sempre actual. E ai dos homens se a desprezam por causa do progresso! Venha ele de onde vier, se não estiver inserido em verdade na Verdade, tudo ruirá como castelos feitos de areia. Sintam os amigos que me lêem, que há progresso nisto e naquilo... O certo é que será meramente fictício, se for apenas material. Poderemos barafustar, criticar e maldizer das injustiças que se cometeram e cometerão. Se não se alicerçarem nos verdadeiros valores que a Verdade, Justiça e Paz podem gerar, estaremos sempre a ouvir clamores de alguém que sempre pugnou pelo bem-estar de multidões de irmãos carecidos da compreensão dos homens:

«Amar, ou desaparecer — não há outra escolha. A Caridade é, antes de mais, descobrir e respeitar o homem no Pobre. O bem é tão contagioso e mais luminoso que o mal.» Isto vem, em certa medida, ao encontro de testemunhos que temos recebido. Porque se a civilização progride temos que ter em conta que o nosso progresso não será a força ou o dinheiro. Mas sim que é preciso que a necessidade dos outros se imprima na nossa carne, queime o nosso sangue, que perturbe o nosso coração «tranquilo», que têm coração demasiado seguro de si. Como seria belo o progresso se os homens sentissem o dever de amar! Porque amar não é dar, mas partilhar.

Pois assim, amando, haveria menos injustiças, menos dores e menos infelicidades. Sociedade em progresso será verdadeira com o Amor!

Manuel Simões

MALANJE

CÃES — A nossa «Laica» teve filhos — onze ao todo.

Estava o Pinto a tratar dos cães; mas o Casquinha, compadecido com a nossa «Laica» e com medo que «lesse muito o jornal», pediu-me para tratar deles. Dá-lhes de comer, faz limpeza às casotas e dá-lhes banho. O Casquinha está a fazer tudo com perfeição e com gosto! Talvez por causa dos filhos da «Laica»...

AQUÁRIO — Há dias o senhor Engenheiro da Agricultura, na sua despedida para a Metrópole, mandou por alguém um aquário com alguns peixes, livros e revistas.

Antes das refeições muitos rapazes vão para junto do aquário — encontra-se no refeitório — e põem-se a admirá-lo.

O aquário é completo; tem motor de ar e luzes. Quando está tudo a funcionar é que é lindo! E ainda mais lindo com as cenas dos rapazes à volta a dizerem: — «Olha os caracóis a andarem! Viste aqueles dois na brincadeira?! Está a debicar na areia». Etc.

Num dos primeiros dias um «Bata-tinha», que não sabia o que os peixes comiam, deitou-lhes arroz e feijão, com pena que morressem de fome. Bastou explicar o que comiam e mostrar uma lata com a própria comida deles para, no aquário, não aparecer mais comida da malta.

Já bastantes rapazes me pediram para pôr no aquário peixes da lagoa, isto por termos poucos; digo sempre que não e que os do aquário não-de reproduzir-se ou algum leitor nos há-de oferecer um casal doutra raça para não vermos sempre as mesmas caras.

Joaquim Carlos Fernandes

Paço de Sousa

FÉRIAS — O Outono cada vez se aproxima mais. Vem aí o frio e os dias estão já a ficar muito mais pequenos. Mesmo assim já partiram os do 5.º tur-

no, para gozarem as suas férias na praia.

Estão aqui, connosco, o João «Bombeiro», vindo de Moçambique com sua esposa e filhos. Habitam a Casa da Mata, onde esteve também há dias o Abel, motorista da nossa Casa de Lisboa, também com sua esposa e filhos.

Neste momento esperamos também o sr. Harry, um nosso amigo da Holanda, que vem cá todos os anos. Então seja bem vindo sr. Harry!



PAÇO DE SOUSA — Este grupo, de cravo ao peito, fez a primeira Comunhão em Azurara.

ELEIÇÕES — A saída do nosso chefe-maioral — o Aníbal — perturbou muito o comando da Casa e dos Rapazes. Agora, em vez dele, está à frente o «Campanera» e o Rosa; e, visto isto, eis que temos eleições brevemente, para um novo chefe.

Com certeza que todos os Rapazes já estão a pensar neste assunto. Cada qual irá com as suas ideias e o gosto pelo chefe que prefere. Era bom que pensássemos bem nisto e o mais im-

portante será depois trabalharmos todos juntos, com aquela vontade toda, para o bem e para uma vida melhor. Não se esqueçam, meus caros colegas, de que somos todos responsáveis também pelo encargo que o chefe-maioral vai ter. Se nos unirmos bem, acho que alcançaremos todas as alegrias de que necessitamos.

Julgo que não será preciso fazer algo de maior; basta apenas que o chefe-maioral seja pontual nos seus deveres, trabalhando assim com gos-

to e atenção. Não importa as muitas coisas notáveis porque o necessário será o chefe ser amigo dos Rapazes e os Rapazes bem amigos dele.

SAUDAÇÃO — Por último, gostaria de enviar, aqui, desejos de uma ótima viagem para a minha mãe. Assim, espero vê-la e quero, também, que estes dias, do corrente mês, passem a correr.

Manuel Amândio

Praia de Mira

Findaram as férias. Desmontámos carrocés e baloiços e arrumámos tudo. Viemos embora. Olhámos para trás e ficamos tristes. Deixámos uma casa que custou tanto a fazer durante um ano e que serviu três meses. Pró ano servirá mais três meses. E os outros nove? É casa de ricos feita apenas para veranear?

Quem dera que não! Nós tivemos férias; servimo-nos da casa e gozámos o seu bom ar acolhedor. Quantos haverá da nossa idade que nem o mar conhecem?! Que não sabem o quanto lhes faria bem uns diinhas à beira-mar, mesmo que fosse no Inverno! São tantos, e a casa fica abandonada. Agora, é triste e na brancura das paredes não vimos alegria; mais parece mortalha.

Eram os risos dos pequenos, que não deixavam balancés e carrocel, que lhe davam alegria. Está agora condenada a não ter alegria durante nove meses até que não-de vir de novo aqueles que lhe dão vida.

Lita

AZURARA

Os rapazes do 4.º turno partiram para a nossa colónia de Azurara dia 19 do mês passado e acabaram por dar a vez ao 5.º turno, penúltimo deste ano. Seguidamente, o último, é o dos vendedores.

O 5.º turno foi constituído por malta de Paço de Sousa e da Casa do Gaiato de Beire.

Quanto às nossas praias, correu o melhor possível. Tivemos bom tempo na primeira semana e, na outra a se-

ELEIÇÕES — Com o princípio do ano escolar na vida da Casa marca-se também o início dum novo período e antes de se iniciar esse período há eleições para que o novo chefe esteja rodado desde o princípio.

Fizeram-se eleições. Foram eleitores todos os que tinham idade superior a catorze anos e o exame da quarta classe feito. A votação por escrutínio secreto, sendo eleito o que obtivesse a maioria absoluta de votos no 1.º e 2.º escrutínios. Não havendo no fim do



Agora

A costumada safda estival da procissão atrasou-se este ano e aparece outonal. Não importa: Ela traz o testemunho da perseverança de muitos e a prova de que a chama não se apaga nem deixa de pegar fogo a muitos outros, que se «desobrigam» de intenções feitas, ou voluntariamente «se queimam» na paixão de partilhar. Que há no mundo de mais actual?!

Os pendões não trazem novidade; e eu começo a eito: pelos Pessoais. O da Caixa Têxtil — «produto de 1\$00 mensal para o Património dos Pobres» — desfilam aqui desde Nov.º/73 a Julho/74. Só não encontro sinal da presença de Junho, mas o lapso será meu com certeza. Somaram, ao longo de todos estes meses, 2.946\$00. E no Natal, segundo costume antigo, mandaram mais, de «pequenas migalhas», 3.600\$00; que «juntaram à sua muita admiração pela Obra». Eis um exemplo de realização evangélica do «amor em obras, em verdade».

O Pessoal da C. P. E., desde Janeiro a Setembro deste ano juntou 12.134\$10. Quem não voltou a aparecer foi a Administração desde que a Hidro-Eléctrica do Cávado se fundiu na Companhia Portuguesa de Electricidade. Fundir-se também significa perder-se. Felizmente o Pessoal que transitou da HICA, foi fundido, mas não se perdeu!

Temos a Maria do «Pequeno Louvre» com sete presenças. E uma outra de ritmo anual: «A Comissão do Nicho de N.º Sr.º da Conceição» do Mercado do Bolhão, com 2.000\$00.

Seguem os das Casas a prestações, sabendo embora — e aceitando que o nome apenas significa uma identificação e um limite de contagem; limite,

aliás, que muitos se resolveram ultrapassar até onde puderem. Assim, J. P. R. da Av. Rodrigues de Freitas com 3x500\$00; e o A. de C., que esteve em Ponta Delgada, com outros 500\$; e a da Casa Ouvi-me Senhor com 200\$00. A Alice, do Porto, continua com as «gotinhas» para a Casa de S.ta Filomena, 800\$00, além de muitas outras gotinhas para outros fins, nomeadamente Conferência e Calvário. David completou a sua intenção de 20.000\$00 e promete voltar: «Peço desculpa pois demorou um bocadinho, mas, com Deus, foi alcançada a meta. Agora vou descansar um pouco, mas feliz por ter chegado ao fim do compromisso».

Da Lia chegaram mais três prestações de 500\$00. Da Maria do Resgate, uma de igual quantia. E mais «duas pedras» de outro tanto para a Casa de S. Carlos, que «fica nas 23 pedras».

Do Montepio Geral — Lisboa, chegam-nos mais dois mil e mil para a Casa da Tia Lai e as derradeiras seis prestações para a Casa Rodízio: três mil escudos. E ainda 200\$00 de Maria Margarida.

«Depois de tanto tempo de silêncio, cá estamos outra vez com mais uma telha para a Casa do Espírito Santo: 500\$.» E depois desta já veio outra igual.

MM — AL é dos tais que não tem parança: mais 2x1.000\$. Mais 500\$00 para a Casa de Santo António, «que tanto gos-

taria de acabar. Como estamos de contas?» Não sei. Venha cá vê-las, Maria Teresa, e cumpra a visita prometida. Bernardino agradece e retribui saudades.

Mais 2.000\$ de A. F. da Silva da R. Monte Cativo. E o «Romeiro do Porto»:

«Cá estamos, pela graça de Deus, para acrescentar um bocadito ao edifício.

Ao nosso início de 2 pedras para a Casa de S. José, estamos a transportar-lhe 5, fruto de várias economias que Deus nos vai acrescentando.

Uma Avé-Maria por este Lar, onde nos falta um filho, agora no Exército, e por outras necessidades que o Pai, bem melhor que nós, sabe.

Votos pela saúde e um voto muito sincero de que um dia, o mais breve possível, possamos ver esta Sociedade de Consumo mais ajuzada e os efectivos dos abandonados e oprimidos em franca regressão.»

Das Casas para que vários concorrem, ou melhor, deviam concorrer, mas não o fazem: 3x1.000\$, da Nazaré, de um médico que nunca falta para a Casa

Fomento da Cultura

Cont. da PRIMEIRA página

zação de carreiras subsidiadas ou pagas pelo Ministério da Educação e Cultura que, seguindo várias linhas radiais, proporcionem à juventude da periferia o acesso à sede do Concelho, para a frequência de aulas nocturnas, para a promoção continuada do seu nível cultural, sem interromper outros sectores de valorização pessoal em ordem a um desenvolvimento equilibrado da economia nacional.

RETALHOS DE VIDA

O ALELUIA

Sou natural de Setúbal. Aqui, como muitos rapazes da minha idade, ia fazendo as minhas patifarias. Assaltava casas, partia vidros e fugia de casa. Até que um dia fui apanhado e levado a uma esquadra da Polícia. Mas isso não foi o suficiente, porque, no dia seguinte, já estava outra vez a fazer das minhas.

Depois, com a morte de meu pai, tinha eu quase 10 anos, modifiquei-me bastante. Minha mãe é aleijada e a partir desta altura teve de ir trabalhar para me sustentar. A vida tornou-se-nos bastante difícil!

Duas semanas após meu pai ter falecido, minha mãe foi conversar com uma senhora amiga que trabalha nos Serviços Municipalizados de Setúbal. Foi esta senhora que telefonou ao sr. Padre Aclio e tratou do indispensável para eu entrar para a Casa do Gaiato de Setúbal.

Hoje, tenho 14 anos e sou Gaiato desde os meus nove anos. Este ano terminei o Ciclo Preparatório da Telescola, com a média final de 13 valores. Imensas graças tenho eu a dar a Deus que, através de Pai Américo, sua Obra e seus continuadores, tanto fez para que eu fosse o Homem que já sinto que sou.

Minha mãe vem uma vez por outra dar uma voltinha cá a Casa para me ver.

E é tudo o que, de momento, tenho a dizer da minha vida.

do Licenciado. E mais esta carta, com que hoje finalizamos:

«Queridos Irmãos em Cristo: Após longo silêncio da minha parte e por minha exclusiva culpa pessoal, aqui estou respondendo a «Uma Carta» publicada no «Famoso» de 26/5/73.

Embora com o atraso de quase um ano e apesar de ter positivamente colocado esse número do Jornal na pasta da minha secretária em que mexo quase todos os dias, não quero ficar surdo. É que mais vale tarde do que nunca.

E na verdade seria (é) uma pena se tal sugestão caísse (cair) em «saco roto». Como não voltei a ler nada sobre o assunto, pergunto: Será que dos licenciados portugueses nenhum é católico, ou cristão, ou humano? Será que dos licenciados portugueses nenhum lê «O Gaiato»? Será que todos estão nas mesmas condições de atraso em que eu tenho estado? Será que tenho lido mal?

Por mim vou começar a responder e, dado o atraso, aqui vai um cheque de 300\$00.

Saudações de um irmão engrandecido.»

TRIBUNA de Coimbra

Repúdio — Sempre que passo e vejo nasce em mim um sentimento de repúdio. A liberdade de cada um é um direito incontestável. Mas a liberdade de cada um, para ser autêntica, tem de respeitar a liberdade dos outros.

As paredes das nossas cidades e vilas (até aldeias) estão sujas de frases aclamando partidos e partidários. Especialmente as paredes de edifícios de utilidade pública. Vão uns e escrevem; vão outros e «borram a escrita». Quais os piores, não sabemos.

No momento actual em que todos prevemos uma crise económica, não podemos calar-nos diante destas manifestações que também são grande forma de esbanjamento e de tremenda falta de respeito pela propriedade alheia. Quanto custará ao bem do nosso Povo a despesa em limpar tanta sujidade?

Há dias os jornais noticiavam a detenção de um grupo de jovens que escreviam e afixavam cartazes de apoio a um partido. A propaganda era anti-outros partidos e os jovens eram filhos de famílias consi-

deradas de certa reputação social.

O teor da notícia deixou-nos a impressão de que a detenção dos ditos jovens foi mais motivada pela propaganda ser anti-certos partidos e ser feita por filhos de tais famílias, do que por ser um abuso da liberdade. Se uns podem, porque não poderão os outros? Onde está a autoridade que faça respeitar a liberdade?

O nosso repúdio vai também para a pouca (ou nenhuma) educação que tais abusos revelam. A nossa missão de pais-educadores, pais de numeroso grupo de jovens, obriga-nos a não calar e a exigir o respeito pelos direitos de cada um. Terão os pais alienado o seu direito e dever de educadores? Pobre juventude de amanhã se os pais de hoje se alheiam assim dos seus deveres! Pobre sociedade que só quer ver com um dos olhos!

Padre Horácio

A NOSSA TIPOGRAFIA FEZ 25 ANOS

Cont. da PRIMEIRA página

balho dela, havemos de salvar e garantir profissão aos que de outra sorte seriam um peso morto no meio de nós. Eu quisera saber rezar; compor uma oração espontânea e fervorosa para dizer de joelhos, e todos comigo, de quanto devemos a Deus Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra. Dizer dos altos pensamentos e santas inspirações com que Ele sabe inundar as almas de boa vontade. Dizer baixinho, oferecer tudo e não pedir nada! Esta seria a oração que eu devia compor; esta seria a acção de graças por ter sido possível vencer tantas dificuldades com sacrifícios tão diminutos — porque Deus ajuda.»

Quem diria melhor?

Já foram 25 anos de sonhos e realidades; de êxitos e fracassos; de trabalho; de «trabalho a prender amorosamente os que andavam soltos pelos caminhos em notório prejuízo da Nação. Eis aqui a verdadeira riqueza da nossa tipografia!»



segundo escrutínio quem tivesse obtido a maioria absoluta procedeu-se a outro e neste seria apenas a maioria. Foi eleito o «Cantante» com 17 votos. 2.º lugar para o «Zé Tachucha» com 8 votos e por direito o lugar de sub-chefe. Houve mais dois com votos: Joãozinho e Manelzinho respectivamente 3 e 1.

Temos, assim, novos sub-chefes e que o partido deles seja o de servir a todos por amor.

Lita

Setúbal

PRAIA — Vários grupos de rapazes têm ido e vindo. Uns já terminaram o seu turno de praia. Outros estão agora a começar. Gosto de ver a fadiga que vai na cozinha todas as manhãs, preparando almoço, lanche, fruta, água e vinho. Depois, aquilo é uma alegria quando a nossa camioneta chega para os levar. E a alegria e boa disposição continua naquelas curvas apertadas do caminho, nos solavancos, com o trânsito, com os piropos da gente que se encontra no caminho e com o dia de praia que se vai passar. A fadiga nada conta para os deliciosos 15 dias de banho que vão passar.

TRABALHO — Não falta por cá o nosso arroz está quase prontinho para a debulha. A batata já foi arrancada e recolhida no celeiro. Uma parte dela tem sido vendida. As nossas vacas têm tido também muita erva verdinha para comer. Mas, por descuido do Tágira, outro dia, morreram-nos duas, devido ao excesso de farinha que lhes deu! Ainda veio o sr. Doutor Veterinário, mas nem ele as conseguiu salvar.

FESTAS — Terminaram as nossas Festas. Alguns dos artistas, organizadores e colaboradores já estavam ansioso que chegassem ao fim. Tanto em

espectáculo, como em dinheiro, foram bem melhores que as do ano passado. Pela 1.ª vez estivemos em Vendas Novas, Alcácer, Sesimbra e Grândola a «Vila Morena» do 25 de Abril.

VISITAS — Este verão tivemos poucas visitas! Nem de longe nem de perto se comparam às do ano passado. Talvez isto tenha sucedido por causa de irmos todos os domingos para a praia. Todos os anos a nossa vizinha Quinta do Anjo, com a sua gente nos mimoseia com a sua presença. Que se passou este ano, Quinta do Anjo?

ESTUDOS — Duma maneira geral os resultados foram satisfatórios. E isto veio alegrar o sr. Padre Aclio que tem andado muito cansado. Os que acabaram a Telescola vão, quase todos, continuar a estudar. E é engraçado que vão, também, quase todos, para o Liceu. Oxalá que no ano lectivo que vem aí, se aproveite tanto como neste que passou.

FRUTA — Temos levado muita fruta para a praia. Muita é das nossas árvores e outra tem sido comprada na praça. Este ano temos muita laranja. Foi pena não se ter plantado o morango! As nêspersas têm de ser apanhadas verdes e põ-las depois a secar, senão... não comemos nenhuma, como sucedeu o ano passado. Ameixa temos, também, com muita abundância. Para dar e vender e todos comerem até fartar! A uva tem cara de dar boa pinga este ano, sobretudo a preta. A uva branca está bastante fraca. Os pessegueiros também estiveram carregadinhos. E então com cada pêssegol...

TROPA — Com o 25 de Abril estamos a contar ter em breve cá alguns dos nossos que estão no Ultramar. E esperamos que o «Charrua», o «Dama», o «João» e o «Prego», que se encontram em Angola e Moçambique, regressem com prazer e alegria ao convívio dos irmãos Gaiatos.

Aleluia

Luís Filipe Aleluia da Costa

Página 3

28/9/74

1 Ela sofreu dificuldades na vida — que lhe ficaram marcadas: a orfandade, o desmantelamento do lar paterno, a dispersão da família, o sabor doce-amargo do Recolhimento onde se fez moça. Não foi educada em berço d'ouro...

Entretanto, chegou a hora da vocação. Amadurecida. Consagrou-se à vida religiosa — conscientemente.

Passaram os anos. O mundo evoluiu. Ela, franzina, dez-reis-de-gente, aparentemente tímida, sem mais do que a simples quarta classe, evoluiu também.

Está aqui, a meu lado, em férias. As primeiras — a sério — de magros dez dias! Não está parada. Não se aburresceu. Com um sorriso nos lábios relaxa-se a fazer malha, como as nossas avós.

— A hora não é de diálogo? A conversa prolonga-se. Es-távamos sós. Conversávamos irmãmente.

— Pois é...
— Sabes? Ando muito contente.

— Porquê?! Agora já vou visitar e trabalhar pelos Pobres. Dantes não deixavam! Olha que o nosso Fundador dedicou toda a sua vida aos Pobres. Parece impossível...!

Calei-me muito caladinho, como quem diz: — Fala; fala, que estou a gostar.

— Dantes não deixavam um sacerdote levar uma das carrinhas em serviço dos Pobres! Ficava, interiormente, desgostosa... Mas ele insistiu («oportuna e importunamente», dir-se-ia). E, agora, até vamos nós também! Não fizemos voto de Pobreza?, não temos o dever de tratar os Pobres?, não devemos, inclusivé, dar testemunho de Igreja Serva e Pobre?...

Foi um desfiar!

— Queres saber mais?

— Diz, diz, diz...

— O padre já chegou ao

AQUI, LISBOA!

Cont da PRIMEIRA página

realçar o seu maior poder de criatividade e a sua mais acen-tuada adaptabilidade às carências que vão surgindo ao longo dos tempos. Ontem, com os cativos e os leprosos; hoje, com as vítimas da loucura, do abandono ou da pobreza injusta; amanhã, com as vítimas da droga ou de qualquer mal social. O Estado virá sempre atrás, como máquina pesada, pouco maleável, cheia de burocracias e exigindo enormes encargos, com esquemas gerais e massificantes onde não cabem muitas vezes os casos especiais. A actividade particular, além do mais, terá sempre um papel de pioneira, apontando o rumo e apresentando sempre maior engenho e capacidade de decisão. E isto só se gera na liberdade.

Padre Luiz



Página 4

28/9/74

NOTAS DA QUINZENA

ponto de viver nas barracas; de fazer, digamos, a mesma vida dos Marginais, não só para os promover como, e sobretudo, para chamar a atenção de quem de direito para as suas condições infra-humanas!

E com os meus botões, continuava, alegremente, interiormente, a dialogar: — Cala-te, deixa falar, para que o mundo saiba.

— Mais. Queres saber mais?
— Anda, continua...

— Ele conseguiu uma colónia de férias para as crianças das barracas. Lá vai a carrinha, à praia, levá-las e trazê-las. Como me sabe bem estar no meio delas! Era isto o que fazia o nosso Fundador...

E foi ainda mais! Intimidades humano-espirituais, problemas d'Igreja, de cristãos, Cristianismo — que ficam só entre nós, como em confissão. Um quadro de vida — consciente e responsável — cristãmente ferida por obstáculos, sim, mas alegre pelo regresso às Fontes.

E fiquei a olhar aquela Religiosa. Sorridente. Um sorriso de Esperança!

«Não devemos tratar os Pobres?, não fizemos voto de Pobreza?, não devemos dar testemunho de Igreja Serva e Pobre?...»

2 A praia fica na foz do rio. Panorama deslumbrante. O encanto da Natureza! Ali, areia. Aqui, um prado verdejante.

Passei, no caminho, um dia. E outro. E outro. Um rebanho de ovelhas. Uma manada de gado. Um miúdo na pastorícia, tisonado do sol. Desgrenhado. Olhos atentos ao gado.

Mais adiante, coxeia um velho, com um saco às costas. Lixo.

— Olá, viva! Anda ao lixo?...

— Sim; apanho aqui estes plásticos prá lareira. Pode ser a lenha muito verde, q'arde tudo.

—O senhor vive mal?

— Sou arremediado...

— Nem me digal!

Rosto sujo. Andrajoso. De aspecto miserável. «Sou arremediado...»

— Está a ver este gado? E todo meu. E não só...

— Nem me digal!

— Tem graça. Já outro dia uns senhores também supunham q'eu tinha necessidades. Ofereceram-me de comer. Agradei. E disse que não precisava. Está, a ver aquela casa da palmeira? É minha. Tenho bairros. Propriedades...

E fafei para comigo, várias vezes: — Não diz a letra com a careta!

A conversa prolongou-se. Vieram as opções, os tempos, as voltas que o mundo dá.

— Está a ver, darem agora seis contos àqueles tipos... Não fazem nada!

— Fazem. Cumprem o seu dever. É um serviço indispensável à Nação, a guarda das costas e fronteiras. E se o meu amigo estivesse no lugar deles?...

Calou-se!

3 A feira, normalmente, é concorrida. Turistas, veraneantes, gente do campo e

das cidades. Imagem multicolor. Saborosa. Diversificada. Amorosa. Portuguesa.

Mas... o eterno mas! A entrada, um cego a tocar harmónio e o guia ao lado, de prato na mão: «— Uma esmolinha pró ceguinho».

Lembrei-me, logo, da Fundação Sain...

Mais adiante, junto à barraca das farturas, um grupo de rapazes com cara de fome, saboreando o pitéu — ao longe.

Entregam-nos certos donativos com esta indicação: para o que julgar mais necessário. Estando nós preocupados para que um grupo de rapazes aprenda uma arte, parece que tudo se aplicaria neste sentido. Não é verdade. Outras necessidades aparecem para além dos rapazes e delas já aqui temos falado. Talvez por isso é que aqueles donativos vêm assim etiquetados.

Há muito que nos preocupa uma determinada categoria de pessoas que estão fora de todas as previdências, abonos, ou subsídios. Já em tempos, antes de existirem as actuais redes de Caixas e Casas do Povo, lançámos as nossas atenções para elas e fundámos um Centro de ajuda fraterna. Os abastados tinham o que precisavam para cuidar da sua sobrevivência e nas doenças. Os Pobres, com facilidade estendiam a mão à caridade, ou recorriam à autoridade competente para lhes passar um atestado.

Correspondência de Família

«Espero que ao receber esta carta, se encontre de saúde e todos, que eu encontro-me óptimo. A prova é que estou de férias.

Antes de tudo agradeço-lhe o ter-me enviado o Jornal que eu recebo regularmente. Não imagina a alegria que me veio dar! Por mais longe que esteja, sinto-me mais perto de vocês.

Como disse, estou de férias. Contava ir aí, mas achei mais prudente ficar. Mas para o ano faço contas de dar aí um

A fome e a fartura. A grande luta.

Continuámos a volta. Passa outra imagem dolorosa. «De-me uma esmolinha. Sou uma mulher doente...» Olhos esbugalhados. Patéticos. «Sou muito doente — e não tenho quê...» A mão estendida!

O mundo passa... Nós passamos... Os homens negociam... Discutem... Mais longe, outros descansam... Relaxam-se, frente ao mar, na areia do oceano...

Lar Operário de Lamego

Existiam, porém, e ainda se mantêm em grande número, uns tantos que nem se podem classificar de ricos nem de pobres. Estes é que lutam desesperadamente com dificuldades de toda a espécie. A eles juntam-se outros que, tendo em conta a sua profissão ou modo de vida, não podem inscrever-se em determinados organismos donde receberiam benefícios.

Tenho entre mãos vários casos. O daquele homem que vive numa freguesia rural, mas que nunca trabalhou nos campos porque aprendeu a aguçar uns picos e a fazer umas ligeiras reparações em certas fer-

Vão ao casino; poucos... Jogam na tasca ou no café; mais... Uma parte vive com a barriga composta. Outra, com indigestões. Ainda outra — e são tantos! — de cinto apertado. Não! A morrer lentamente.

Vomitei a feira. O mundo. A fartura balofa da maioria porque, no regresso, dou com uma barraca encostada à parede de um muro — virada ao norte!... Discute-se lá dentro. Barafusta-se. E, nesta zona, quase toda a gente, se não tem casa decente, tem, ao menos, um tecto...!

O contraste!

Júlio Mendes

ramentas. Agora está de cama, a esposa também é doente, os filhos não conseguem atendê-los — e à face da lei não pode receber qualquer ajuda oficial. Dois casais com menos de 70 anos, todos sem saúde para trabalhar, não se inscreveram inicialmente como sócios da Casa do Povo. Presentemente é preciso pagar uma quantia avultada, que eles não possuem, para saldar um determinado número de cotas a fim de começarem a receber benefícios. Algumas senhoras, entre elas viúvas de avançada idade, sem qualquer recurso, estão em idênticas circunstâncias, pois não conseguem provar que trabalharam uns tantos anos na agricultura. Vários agregados familiares que durante muitos anos foram equilibrando a receita com a despesa, à custa de produto que vinha de pequenas propriedades, hoje o cultivo das mesmas, ou é impossível por diversos motivos, ou dá mais prejuízo do que lucro; ninguém da família tem qualquer emprego; na lei não se encontra um parágrafo para solicitar subsídios; não têm abonos de família.

Escrevemos com o coração apertado por não saber como solucionar estes problemas que são muitos. É para aqui que reservamos aquelas migalhinhas que nos são entregues para os casos mais urgentes.

Padre Duarte

N. da R. — Entretanto, sou-bemos que, muito recentemente, a Junta Central das Casas do Povo remeteu às suas dependências um ofício-circular esclarecendo que todas as pessoas consideradas inválidas — não importa a sua profissão — que não recebam qualquer pensão, residindo dentro da área da respectiva Casa do Povo, passarão a receber um subsídio pecuniário.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES

DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE



Daniela — uma neta «francesita».